Ao Illmo e Exmo Sr.
Dr. Valeriano Coutinho
homenagem
do autor

221

DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA

Sem embargo de quatro seculos da dominação portuguesa e das comminações civis e ecclesiasticas, o konkani é a lingua vernacula e materna de Gôa, ou, como lá se chama, em contraposição ao português, «a nossa lingua, *āmchi bhās*»[1].

Aprende-se o português na eschola e por livros, em todas as gradações que produz a acquisição de um idioma estranho, desde as primeiras noções, em que aflora a lingua propria, até ao conhecimento perfeito. Raros são, salvo entre os descendentes, que constituem uma pequena parcella da população, os que o balbuciaram na infancia, e isso mesmo de envolta com o konkani, como é habito geral, até nos mais adeantados.

O português de Gôa não tem, portanto, a importancia glottologica dos outros dialectos ou crioulos indo-portugueses, abandonados á sua propria evolução, sem influencia directa da lingua-mãe. Apresenta, porém, muitos pontos de contacto na phonologia, em que se approxima tambem do português do Brazil, e em especial na lexicologia.

O assumpto seria tratado com mais competencia por um europeu, entendido nesses estudos, que tivesse residido na India em intimo convivio com os indigenas. Mas até hoje não houve nenhum que o fizesse.

Abalanço-me, pois, á tentativa de o versar succintamente nas suas peculiaridades mais salientes e communs.

[1] Vid. *Ensaio historico da lingua concani*, por Cunha Rivara.

A) Phonologia

Vogaes oraes.

A inicial e medial é sempre aberto: *más*, adj. e adv., *àmámos*, pres. e perf., *sàpáto*.

A e *o* finaes não se ouvem distinctamente na bocca das mulheres e das creanças: *minh filh, quant dinheir, um vestid* [1].

Apherese de *a* em *bafada* ou *bafado* = abafado (estufado) e *caflar* = acafelar e seus derivados *caflador* e *cafladura* [2].

Syncope de *a* em *Jôquim, Jôquina* [3].

Apocope de *a* nos numeraes *trinta, quarenta* etc., (em proclise): *trint'e dois, cincoent'e quatro, sessent'e oito*.

Epenthese de *a* em *dezá-reis, quinzá-reis*. Diz-se tambem *dezáôito* [4].

Não ha *e* medial grave ou surdo. Tem o mesmo som o *e* de *bello* e *belleza*, de *mel* e *melar*, de *prégar* e *pregar* [5]. Degenera ás vezes em *i* na primeira syllaba: *milhor, piqueno, minimo, sinhor, cimiterio, pipino* [6]. Tambem *bática* = *batega*.

E não se desenvolve em *ei* antes de *x*: *exemplo* (não *eizemplo*), *ekscepto* (não *eiceto*).

Não tem o som de *i* o *e* atono antes de *a* ou *o*: *cêar, lêoa* (não *ciar, lioa*); nem o *e* inicial syllabico: *èdital* (não *idital*), *hèsitar* (não *isitar*).

E' fechado o *e* antes da terminação *ja* e *lha*: *igrêja, invêja, têlha, abêlha* [7]. E', pelo contrario, aberto em *péna, espésso, travésso*.

Dá-se iotização no *e* final surdo: *si, mi, fonti, tardi* [8].

Phenomenos avulsos: *dé* = de (prep.), *quê* = que (rel. e conj.), *qui* = que (interrog.), *persulana* = porcellana, *parèsquê* = parece que (tambem no Brazil), *cal'-se* = cale-se [9], *Dalgado* (appellido) = Delgado (infl. da liquida).

I postonico dos esdruxulos desapparece entre *j* e *o*: *collejo, relojo* [10], de que se fórma *relojeiro*. Tambem *laps* = lápis.

[1] No dial. do norte cáe, em regra, a vogal final atona. Vid. H. Schuchardt, *Kreolische Studien*, III *ueber das Indoport. von Diu*. Dá-se o mesmo phenomeno, posto que em menor escala, no dial. de Mangalor. «Que se não supprimam na pronunciação as lettras finaes *a, m, o, s* e no principio e no meio da palavra a consoante *v*, como em geral se costuma». Junta local de instrucção de Salsete.

[2] No dial. de Diu *baffi* ou *bafid*. Schuch. nota: «Wie Herr Professor G. Bühler mir gütigst mittheilt, von gudsch. (guzerata) *bâph* Dampf.

[3] Em konk.: *Jākí; Jākín*.

[4] Port. ant.

[5] As linguas indianas não teem vogaes surdas.

[6] Commum a todo o indo-portuguê. Tambem no continente.

[7] Cf. J. L. de V., *Dialectos alemtejanos*.

[8] Tendencia commum a quasi todos os crioulos portuguese. Cf. «*Mi* dè essa fructa». «Qui diabo!» J. L. de V., *Dialecto brazileiro*.

[9] Cf. J. L. de V., *Dialectos trasmontanos*, I.

[10] Vulgar no continente.

O medial é geralmente fechado ou aberto, poucas vezes surdo: *sòciedade, desgòstar, pòlvòrinho*.

Cáe o *o* final depois de *i* tonico, ainda sem ser em proclise: *tí* = tio, *rí* = rio, *feití* = feitio, *naví* = navio.

E' aberto o *o* de *cómo* (adv.) [1], *sóbre, cóche*.

Phenomenos avulsos: *persulana* = porcellana, *temp'rada* = temperado (subst.), *bafada* < *bafado* < abafado (subst.: estufado), *derôto* (pl. *derótos*). «Um prato de *bafada*» [2].

U desenvolve-se em *o* em *bofete* = bufete.

Syncope de *u* em *Manel* (*Manelinho*) = Manuel. Vulgar na Beira.

Syncope de *e, o* e *u* postonicos entre labial e liquida: *vesp'ra* = vespera, *temp'ra* = témpera (por *tempêro*. «Por cada carga de *temperas*» [3]); *vib'ra* = vibora, *camph'ra* = camphora, *fosf'ro* = phosphoro, *abob'ra* = abobora (d'onde *abobreira*); *discip'lo* = discipulo, *escrup'lo* = escrupulo, *retab'lo* = retabulo. De *temp'ra* se faz *temp'rada*. Tambem *oclo* = oculos, e *caflar* e seus derivados [4].

E' nasalada a vogal que precede *m* e *n* (tambem em konk.): *cãma, lãma, cãno, pẽna, nĩnha, nĩnhum*. A nasal influe ás vezes na vogal final tonica que segue: *Thomem* = Thomé, *fernesim* = frenesi, *bambum* = bambú, *concanim* = concaní ou konkani, *perum* [5]. «Cada mil *bambuns*. *Bambuns* torneados. Defeito de *fernezim* [6]». Tambem *Minguel* = Miguel e *Vincente* = Vicente.

Vogaes nasaes.

A nasal *ã* final desenvolve-se em *ão* em *hortelão* = hortelã [7].

Em final atono (= *ẽ*) attenua-se em *ĩ* subtil: *homĩ, imagĩ, dizĩ, fazĩ*.

Em tonico não se desenvolve em *ẽi*: *têm, bém, mantém*.

Na proclise consonantica o ditongo *ão* reduz-se a *ã* (facto que se dá tambem no continente): *nã quero, nã pódi*.

Desnasalamento: *ná-vá* = não ha, *serazão* = semrazão [8].

Ditongos.

Au inicial simplifica-se em *a* em *Agusto, Agusta* [9].

O *e* de *ei* e *eu* é fechado, e a subjunctiva muito subtil: *fêĭto, lêĭto, êŭ, mêŭ, sêŭ* [10]. «Insultavam o padre por causa da *cêia*». Mas com-

[1] Cf. J. L. de V., *Dialectos interamnenses*, III.

[2] Os exemplos entre aspas são extrahidos de livros e jornaes. Não os cito, para não melindrar susceptibilidades.

[3] F. N. Xavier, *Collecção de Bandos*, etc.

[4] No dial. de Ceylão *vesp'ra, temp'ra* mudam-se em *vésper, témper*, como *sóber, sómber* = sobre, sombra. Vespera < vesp'ra < vésper. *Caflar* é commum.

[5] *Perum* é vulgar no continente.

[6] *Coll. de Band.*

[7] Tambem no dial. de Ceylão e em konk.

[8] *Serezão* no dial. de Ceylão.

[9] Cf. J. L. de V., *Dial. alemtej.*, VIII.

[10] Cf. J. L. de V., *Dial. extramenhos*, I, e *alemtej.* II.

mummente *ei* condensa-se em *ê*, e *eu* desditonga-se antes de consoante final: *azête, béjo, dirêto, mantêga, mê-us, sê-us.* «Trouxe *amêjoas* do rio [1]».

O *i* de *ei* seguido de *a* torna-se semi-vogal e junta-se com elle: *cê-ia, mê-ia.*

Experimenta o mesmo destino o *i* antes de *o*: *mê-io, fê-io.* Mas ás vezes cáe o *o*: *vei* = veio ou veiu, *mêi-dia* = meio-dia.

Io postonico precedido de consoante, excepto *j*, tem um som muito parecido com o *u* francês ou *ü* allemão: *cartórü* = cartorio, *lábü* = labio, *sábü* = sabio. Conserva o mesmo som no plural: *cartorüs, sabüs.*

Iu tem o *u* apocopado em *Dí* = Diu.

Ou inicial e medial condensa-se em *ô* [2]: *ôtro, ôvir; pôco, rôpa, tôcinho.* «Foros de *orives*». Mas *Lórenço.*

Simplificação de ditongo: *adês* (a par de *adeus*) [3], *alfäete* = alfaiate [4].

Ditongos novos: *chaile* = chale, *dêi* = dê [5]. «O' Joaquim, *dei* braço áquella senhora». Tambem *autual* e *bautismo* [6], por dissolução de *c* e *p*.

ESDRUXULOS.

Reducção de esdruxulos: *relojo, collejo; quisilha, familha; vespra, abobra, disciplo; sabü, cambü; cambra, tam'ra; folêgo, trafégo.* «Demorado folêgo».

CONSOANTES.

E' geralmente aspirado o *c* inicial das palavras provenientes do konkani: *khandil* = candil, *khopra* = copra. Tambem *khamisa* = camisa, pela influencia de *khamís* em konkani.

C e *p* não são mudos antes de outra consoante: *acção* (pron. *akção*), *director* (pron. *direktor*), *accepção* (pron. *aksepção* e não *acção*).

G muda-se em *c* em *batica* = bategа (gamella) [7].

Ch sôa como em inglês ou como o *c* italiano antes de *e* e *i* [8]: *tchare* (não *xare*), *tchaga* (não *xaga*), *atchar* (não *axar*).

X antes de consoante tem o valor de *ks*: *eksepto, eksperiencia.*

J muda-se em *z* em *Zusé* = José, *Zusino* = Josinho e *alzibeira* = algibeira.

[1] *Ê* ou *é* por *ei* na maior parte dos crioulos portugueses.
[2] Commum a todos os ramos do indo português. Vulgar no continente.
[3] *Adês*: em Cabo Verde.
[4] *Alfiato*, dial. de Ceylão.
[5] *Dê-i*: no Alemtejo.
[6] *Bautismo*: port. ant. e pop.
[7] Commum.
[8] Em todos os crioulos. «O som de *ch* é egual ao castelhano. Este facto é normal no norte do país». J. L. de V., *Dial. minhotos.*

Despalatização de *nh* em *Zusino* = Josinho (dim. de *José*) e *caldina* = caldinha (dim. de *caldo*, especie de caril).

S final é sempre sibilante: *oç tempoç* (não *ox tempox*). *Z* tambem nunca tem o valor de *x* ou *j*.

Emquanto ao *s* medial, tem inteira applicação o que diz o sr. Leite de Vasconcellos, *Dial. extramenhos*, I: «Antes de consoante surda, afasta-se do *s* lisbonense, porque é egual ao *s* sub-cacuminal attenuado; tem o valor de *z* sub-cacuminal attenuado antes das sonoras». Pois diz se *césta, rezma, mezmo*, e não *cexta, rejma, mejmo.*

L nunca é gutturalizado, conserva sempre o seu som dental.

R inicial é mais brando, como em francês: *rato* (não *rhato* ou *rrato*), *rosa* (não *rhosa*).

Rr dobrado é egualmente mais brando; vale por um em *bairro* (pron. *bairo*) e *baireiro* (por *bairrista*). Mas *párroco, parrochial*, como em algumas partes do continente.

Syncope de *r*, junto com a vogal antecedente, em *alviças* = alvíçaras [1], e *surgião* = cirurgião [2].

Metathese de *r*: *perguiça* = preguiça (lat. *pigritia*), *perciso* = preciso, *pertender* = pretender, *fernesim* = frenesí.

Assimilação de *b* em *tamem* = tambem [3]. «Hoje *tamém* não deu».

Epenthese de *b* entre *m* e *r*: *cambrão* (< * *cam'rão* < camarão), *cambra* (< * *cam'ra* < cambra) [4].

Troca de *b* por *v* em *avano, avanar, adive* = adibe, *casaveca* = casebeque.

V equivale ao inglês *w* [5]. Não se distingue quasi, na pronuncia, *ovo* de *vôo*, *luva* de *lua*. «Arratel de *crao*» (cravo). *Coll. de Rand.* [6]

Troca de *v* por *b* em *febrêro* = fevereiro (lat. *Februarius*) [7].

Nj degenera em *nh*: *estrãnheiro* = estranjeiro, *ẽnhenheiro* = engenheiro, *torõnha* = toronja; *arranjar* confunde-se com *arranhar*. Tambem *jẽnhum* = jejum, *jẽnhuar* = jejuar.

SYLLABAS.

Cáe *es* de estar em *tá-bom, dês-tar* = deixe estar.

Lia palatiza-se em *familha* (a par de *familia*) e *quisilha*, e *nia* em *escrevaninha*. «Informação sobre a escrevaninha». *Coll. de Rand.*

Qua muda-se em *co* em *corenta* = quarenta, *coresma* = quaresma. Mas *catorze* = quatorze.

Supprime-se *re* e *dre* de *padre* em proclise: *pad-velho, pad-mestre*

[1] Tambem no Algarve e no Brazil.
[2] Port. pop. *Surjão* no Brazil.
[3] Commum, excepto o dialecto de Ceylão. Pop. no continente.
[4] Commum. Analogo phenomeno se dá tambem noutras linguas, como: *chambre* em francês, *membrum* em latim.
[5] Em todos os crioulos indianos.
[6] Cf. *brau* = bravo, no dial. de Ceylão. Nas linguas indianas *r* e *v* são semivogaes.
[7] *Febrêr* no Alemtejo.

(ás vezes *pad-mest*, como em konk.), *pa-tio* (tio padre); e *gu* em *al'ma-coisa* = alguma coisa.

Voga na India o costume de chamar por dois nomes, e, então, o primeiro nome perde uma parte final: *Franç-Xavier* = Francisco Xavier, *Anton-Caetano* = Antonio Caetano, *Ped-Paulo* = Pedro Paulo. *José* perde, neste caso, a primeira syllaba, quer seja anteposto, quer posposto: *Zé-Filippe, Zé-Antonio, Luis-Zé, Franz-Zé* = Francisco José [1].

Ha muitos nomes de casa com notaveis deformações: *Forsú* = Francisco, *Salú* = Salvador, *Gabrú* = Gabriel, *Fulú* = Florinda ou Florencio.

Muitos vocabulos adoptados do konkani conservam a sua phonoção peculiar. Por exemplo: é aspirado o *h* de *hĩ, hã, hõ;* é cacuminal o *d* de *xendo* (dobra-se de ordinario a lettra na notação: *xenddo*) e o *t* de *batcará;* pronunciam-se ambos os *bb* de *abbá*.

B) Morphologia

Nomes.

O *o* fechado tonico é sempre aberto no plural: *góstos, glóbos*.

Pomba é epiceno. *Pombo* desusado.

Diz-se *oclo* por *oculos*, e *calça* por *calças*.

Prefere-se o suffixo *-eiro* a *-ista* e outros: *bairreiro* = bairrista, *lojeiro* = lojista, *chalaceiro* = chalaccador, *quisilheiro* = quisilhento.

Usa-se muito o diminutivo de nomes proprios: *Aleixinho, Antoninho, Caetaninho, Josino, Luisinha, Manelinho, Vicentinho*. «*Santaninha* ria-se da gente». Tambem *babasinho, baísinha* dos konk. *babá* e *baí*.

Não se admitte o diminutivo formal de adjectivos; emprega-se *um pouco* em seu logar (como em konk. *mätsó*): *um pouco* melhor = melhorzinho, *um pouco* mau = mausito, *um pouco* fraco = fraquinho.

Diz-se: *dezaseis, dezasete,* etc.; *vinti um, vinti dois,* etc.; *trintè um* ou *trint'i um, corentè dois* ou *corent'i dois, cincoentè tres*, etc.

Pronomes.

Persiste o *cujo* interrogativo archaico: «*Cuja* filha é ella?» «*Cuja* casa é esta?» «Em *cujo* poder fica aquelle negocio?» *Cujo qui vae?* é uma phrase muito commum, vertida do konk. *konächem kitem retá?* = quem perde n'isso?

Pronomina reverentiæ: babá, baí (do konk., vid. *Vocab.*); *tio*, se é da edade do pae de quem falla; *irmão*, se é um pouco mais velho que o interlocutor; *mana*, se é mais velha, ás vezes pospostos ao nome, como em konk. «Eu, *babá*, não sei o que dizer». «*Baí*, toque aquella nova walsa». «*Baí* Dulce não passaria». *Paulo-tio, Roque-ir-*

[1] Do mesmo modo são usados esses nomes em konk.

mão, Joaquina-mana. Diz-se tambem, por reverencia: *pad-tio* = padre tio (sem ser tio), *pad-mestre* = padre mestre. «Chamavam ao velho, *padre mestre* — embora não constasse em Breda que elle tivesse leccionado qualquer coisa».

Verbos.

Diz-se *eu sube* = eu soube, *eu truxe* = eu trouxe [1].

Diz-se eu *ver*, tu *veres*, etc., fut. conj. de *ver*.

Particulas.

Abbá, interj. de admiração; *äré*, de surpreza, de opposição; *xé*, de negação, de recusa; *xi, xi-babá*, de repulsão, de desprezo; *hã*, adv. de desejo, de affirmação; *hõ*, de interrogação, de pedido. São todas de konk., á excepção de *hõ*. *Hã* e *hõ* são pospositivas. «Que diz *hõ*?» «Venha *hõ*». «Amor *baí* aquillo *ham*». «Ham!... O que ham?» «*Abbá!* o que tem isto?»

Formação de palavras.

Anzolar (*anzolador*) de anzol, *bostear* (*bosteador, bosteadeira*) de bosta, *casavel* de casar, *caseiro* (dono de casa, *caseira*) de casa, *clinicar* de clinica, *embatinar* de batina, *faqueiro* (trinchador) de faca, *fogueiro* (o que faz fogo de artificio) de fogo, *missar* de missa, *norteiro* de norte, *piladeira* de pilar, *semaneiro* de semana, *tabaqueiro* de tabaco. Vid. *Vocab.*

Etymologia popular.

Jẽnhum de tempra = jejum das temporas. Infl. de *tempra* = tempêro.

Sinhora de Sant'Anna = Senhora Sant'Anna. Por analog. com Senhora da Piedade, do Rosario. «Festa de N. S. de Sant'Anna».

C) Syntaxe

Artigo.

O artigo definido é menos usado, particularmente depois de preposições: «Pequenos como estão?» «Toda familia boa». «Quem sabe nome d'aquellas terras?» «*Baí*, veiu senhor mestre». «Por ser contra religião». «Salvo regresso para diocese». «Antes de meia noite». «4 horas de madrugada [2]».

Omitte-se, em regra, o artigo antes do nome dos parentes dos interlocutores, como se fosse nome proprio [3]: Como está (sua) mãe?

[1] Pop. no continente e us. em alguns crioulos.

[2] Não ha artigo definido, propriamente dito, nas linguas indianas. «A suppressão do art. é corrente nos dialectos crioulos, não só portugueses, mas estrangeiros». J. L. de V., *Dial. brazileiro*.

[3] Estes nomes são usados sem o possessivo.

(Meu) pae sahiu. «Tia não dá de certo». «Levava a bem tudo o que *pa tio* (o seu tio padre) fizesse».

Omitte-se egualmente antes do nome commum que precede o proprio: Padre Antonio, advogado João, medico Pedro.

Os nomes dos mezes, pelo contrario, pedem o artigo definido: *O* janeiro, *no* fevereiro.

Regimens.

Substitue-se o caso *o*, *a* por *lhe*: «Não tenho a honra de *lhe* conhecer». «Para *lhe* fazer calar». «E *lhe* preveni». «Elle ha de encaminhar-*lhe*». «Sinto prazer vendo-*lhe*». «Fui visitar-*lhe*, mas não *lhe* encontrei [1]».

Emprega se muitas vezes o pronome com preposição por accusativo ou dativo formal: «Oiça primeiro *a mim*» = oiça-me primeiro. «Escreveu *a nós* ha pouco» = escreveu-nos ha pouco. «Leve *á ella* para sala» = leve-a para a sala. «Apresentar a sua dextra dobrada *a ella*» = apresentar-lhe a sua dextra dobrada. «Em vez de dizer *a elle* é melhor calar-se» = em vez de lh'o dizer é melhor calar-se [2].

Pospõe-se ao verbo o pronome regimen, contra o uso legitimo: «Difficilmente pagão-se as contas atrazadas». «Que é-*me* natural». «Que são-*lhe* assacadas». «Elle não cançava-*se* em insultar [3]».

Põe-se ás vezes o pronome regimen depois do participio do passado: «Tendo a imprensa até queixado-*se* do seu procedimento irregular».

Ao contrario, antepõe-se frequentemente o regimen ao verbo, na linguagem rapida (infl. do konk.): *Livro* traga; *chave* tire. «A *mim* dê [4]».

Nada antecede de ordinario o verbo, para evitar duas negativas: *Nada* fiz; *nada* tenho. «Elle nada comprehende».

O regimen directo de pessoa vae sempre acompanhado da preposição *a*: «Chame *ao* meu creado». «Castigam *a* um innocente». «Estão roubando *ao* pobre contribuinte».

Pospõem-se ao sujeito os pronomes e as particulas interrogativas (infl. do konk.): «Isto *o que* tem?» «E outros *o que* sabem?» «Elle *que* tem, para casar?» «Pedro *cujo* irmão é?» «Antonio *quantos* bambús cortou?» «Pequenos *como* estão?» «Elle *porque* grita?»

Tambem se pospõe *ambos* ao pronome pessoal: *nós ambos* = ambos nós. «*Elles ambos* guerreavam». Infl. do konk.

[1] Em konk. emprega-se o dativo por accusativo de pessoa. Cf. «Quando uma moça *lhe* enganava», no *Dial. brazileiro*.

[2] Cf. «Levar a elle». «Eu conheço elle». *Dial. braz.*

[3] «Esta inversão dos pronomes dá-se noutros casos. A individuos de Gôa apanhei em flagrante as seguintes phrases: «que seja-*lhe* mais facil», «foi essa a carta que tu escreveste-*me*», etc.; um d'esses individuos escreve-me uma carta em que me diz, fallando naturalmente: «na certeza de que era-*me* impossivel prescindir». J. L. de V., *Dial. braz.*

[4] Cf. «Mi puz a lavar *a elle; me dê ellas*». *Dial. braz.*

Não se faz a tmese dos pronomes [1]: *darei-lhe*, *fará-o*. «*Poderia-se* recrutar pessoal habil».

Verbos.

Prefere-se o preterito indefinido ao definido: «*Tenho recebido* a sua carta». «A lei *tem sido* abolida». «Não *tenho lido* jornal algum». «O senhor não *tem lavado* as suas mãos».

Usa-se o plural de *haver* em vez do singular: «Hão homens». «Haviam 6 annos». Diz-se egualmente: *fazem* dois mezes, *fazem* alguns annos [2].

Os verbos de movimento pedem algumas vezes a preposição *em*: «Chegou *em* casa». «Venha *no* meu quarto [3]».

Ir e *vir* vão acompanhados da preposição *a* antes de outros verbos, como em alguns dos dialectos do continente: Vamos *a* ver; venho *a* fazer.

Bater e *pegar* são activos: Bater a porta; bati-o bem; pegue o meu livro [4].

Perguntar e *pedir* regem o circumstancial *com* e não o regimen indirecto (infl. do konk.): Perguntar *com* elle; pedir *comigo* [5].

Supprime-se ás vezes o verbo (infl. do konk.): «Porque cumprimentos?» «Toda familia boa». «Amor *bai* aquillo *ham*».

Occorre frequentemente na linguagem colloquial a palavra konkani *hĩ* (< *hũi* < *khũi*, do sansk. *kath*), posposta ao verbo, por *diz*, *dizem*, *diz-se que*: Elle morreu *hĩ* = elle morreu, dizem: dizem que elle morreu. Pedro não quer vir *hĩ*. Pedro diz que não quer vir.

Particulas.

Emprega-se muito o adverbio *não* no fim das orações interrogativas: Está bom, *não?* V. vem, *não?* Não fez, *não?* «E' o Ramalho, *não?*»

E' frequente o emprego da preposição *para* por *a*: Vou *para* a egreja; foi *para* a villa.

Os adverbios *dentro* e *fóra* não admittem a preposição *para* antes de si com os verbos de movimento: «Vá fóra». «Venha dentro».

Prefere-se o circumstancial de logar (locativo *super* em konk.) a outros complementos: «Imputou *em* mim aquella calumnia» = imputou-me aquella calumnia. «Fallou na minha honra» = fallou *contra* a minha honra, disse mal da minha honra.

Omitte-se a preposição *a* e a conjuncção *ou* entre dois numeraes: Ha dois *(ou)* tres dias; são dez *(a)* quinze pessoas.

Construcções anomalas:

Dez charatos de rupia, isto é, do valor total de uma rupia, e não

[1] Pop. no continente.

[2] Pelo instincto de regularidade. Tambem no Brazil.

[3] Cf. «Vae depressa *na* botica; fui *no* rio lavar roupa; levei *no* meu quarto». *Dial. braz.*

[4] Cf. *Dial. braz.*

[5] Tambem no crioulo de Ceylão.

de uma rupia cada um. *Amanhã pela tarde ás 6 horas* = amanhã ás 6 horas da tarde. *A você o que fica?* = que lhe importa? o que tem você com isto? *3 horas menos um quarto, menos vinte minutos* = 2 horas e tres quartos, e vinte minutos. *Merecia me este trabalho* = merecia eu este trabalho. Infl. do konk.

«Os amigos e parentes são pedidos para assistirem» = pede-se aos amigos e parentes, etc. Traducção do inglês: *the friends and relations ara requested to attend.*

D) Textos

1) Linguagem de mulheres

Cunegundes!... Cuny!... gritou o dr. Cosme.

—Ham!... O que hom! responde alguem de dentro.

—Como está, sr. doutor? diz Cunegundes entrando; Rufina! como está?

—Bôa, você como está?

—Tire chapeu, hom, diz a mulher de Cosme.

—Deixe estar, replicou Rufina.

—Tire hom.

—Deixe estar.

—Porque cumprimentos? tire você.

—Pequenos como estão?

—Bons. Aleixinho está com sarampo, e Filú coitada está com dôr de dentes...

—Não deu limbão? [1]

—Já dei. Não fez effeito...

—Tem recebido noticias do seu filho que está em Portugal?

—Está bom... Escreveu a nós ha pouco. Diz que tem muitas saudades de mim... Coitado!... Elle coitado sempre foi affectuoso... agora foi passar o feriado n'uma terra de Lisboa... Como se chama aquella terra, hom, Zeferino?

—Santarém, respondeu o marido.

Sim... sim... tinha mesmo na bocca... Satodém...

—Santarém, emendou o marido.

—Santarém... quem sabe nome d'aquellas terras!

—O que estuda seu pequeno, minha senhora, inquiriu o dr. Cosme.

—Elle aprende... o que aprende, hom? perguntou Rufina ao marido, um pouco atrapalhado.

—Introducção á historia natural.

—Deus é grande, e quanto precisa mandar?

1 *Limão,* mais usado. *Limbó* em konk.

—Ha pouco Zeferino mandou trezentos pardaos [1]... Agora vae mandar mais... E ainda não vendemos o coco.

—Que barato que está, hom, allegou Cunegundes.

—Nosso foi pedido por 17 rupias.

—Sim? Quem?

—Pundlica Naique.

—Que Pulica?

—Aquelle..., visinho de padre Sertorio.

*

—Xi... que desaforada! exclamou indignada a bôa da Carlota.

—Elles são sempre assim... a mãe tambem dizem que foi mesma coisa .. Que gente!

—Coitado! o Ramiro ficou na *ufa.*

—Mas assim mesmo porque fallar de gente?

—Ham!... A sujeita parece que *leva para gosto!*

—Aquillo não é amizade de casamento...

—Então que amizade?

—Amizade assim mesmo [2].

—Amôr *bai* aquillo ham?... aquillo é amor.

—Deixe reparar... Eu não comi nada de gente [3]. Aquillo é inveja.

—Aqui está... Seu tambem é amor *bai,* ham?

*

Activou o seu trato com uma familia descendente da visinhança.

As meninas não direi que tiveram uma esmerada instrucção litteraria, mas eram polyglotas, isto é, fallavam o portuguez e o concanim simultaneamente, com uma intonação tão cantada, que só se podia exprimir por meio de uma rabeca.

—Então, sr.ª D. Dulxe, só hoje lembrô vir minh ca...a.. asa? dizia a velha D. Riquita Castello. Minh filh foram hoje para bazar, de machil [4], para comprar um vestid.—Que ca...a...aro que estão hom, os vestidos, Santo Antonio nos valha. Seu marido porque não vem, bai, aqui.. i...i? Já sei, porque hoje está grande ho...o... omem? Advoga...a...ado?

—Não, elle foi para audiencia.

—Onde é audiencia, D. Du ..u...ulxe?

—Na cadêa,... perto de cadêa!

1 *Pardao* e *rupia* são moedas de Gôa.

2 Vid. *assim mesmo* no *Vocab.*

3 Traduc. litt. do konk. *hãmvêm lokãchem kãe khãvunk nám*: não me aproprici injustamente de nenhuma coisa alheia.

4 Liteira, cadeirinha.

— Então Periquito... alferes Periquito... meu sobrinho ha de encontrar com elle, quando vae á noute para ro...o...onda?!

— Sim, fez Dulce.

Quando regressaram as pequenas, Antoninha e Ziquinha, do bazar, D. Riquita correu para a porta a recebel-as. Altercou um bocadito com os boiás [1] sobre o seu salario, e por fim ameaçou-os com o pau, allegando a sua qualidade de filha de um coronel do regimento de Pondá.—*Aum bamon nim, ham! aum filh coronelachem fondenchem... Roto podtolem,* se fôr muito esperto [2].

Os boiás retiraram-se resmungando, respeitando o pau da velha, que dignamente representava os galões do pae.

As meninas estavam offegantes e falladoras.

— Sabe, mamã, ás *fulas* do Agostinho, que recebeu hontem..., ia dizendo Ziquinha.

— Não é hontem... Hontem tinha entrado um *chicharo* [3] no nariz do filh de Agostinho.

— Não, minha rica senhora, hontem Agostinho tirava *chuname* [4] para su butica.

— Que lindas *fulas*... mas quant dinheiro, Jesus me Deus!

2) Linguagem de creanças

Margarida, vulgó Mathy, uma criança de seis annos, filha de Cunegundes, veiu a correr e estacou na porta.

— Mamã, quem vei [5], gritou a pequena.

— Quem, baî?

— Aquelle não trouxe dôce aquelle? aquelle [6].

— Quem?

— Aquelle que utrudi [7] vei... trouxe dôce, aquelle.

— Venha aqui, disse imperiosamente a mãe.

— Xi... xi... xi... ella hade sujar, Rufina .. com estas crianças não se póde aturar... sujam dois vestidos por dia, allegou Cunegundes.

— Não, coitada, deixa estar, disse Rufina.

— Hoje aia não deu vestido; hontem *tamém* não deu, hoje *tamém* não deu.

— Porque não lavou a cara? perguntou Cunegundes.

— Onde?

[1] Conductores de *machilla*. «E outras (molheres) são bois que trazem as molheres del-rey as costas». *Chronica dos reis de Bisnaga.*

[2] Eu não sou bramane. Sou filha de coronel de Pondá. Hade apanhar bengalladas. *Nota do auctor.*

[3] Caroço de tamarindo, vulgarmente *bagulho.*

[4] Vid. *Vocab.*

[5] Traduc. do konk. *kon äylá. Kon* está por *aliquis, quis,* e ás vezes por *qui.*

[6] Traduc. litt. do konk.

[7] Outro dia.

— Na bacia, replicou Rufina.

— Em nós caz [1] não ha bacia... ha *tambió* [2].

— Não ha bacia? perguntou irada a mãe.

— Onde está?... Papá, mamã lava cara no corredor, no *tambió.*

— A mim mano Francisco matou [3], disse subitamente a pequena.

— Matou não... *deu caçada,* emendou a mãe.

— Bateu, emendou por sua vez o pae.

— A menina deve ter dito alguma coisa ao irmão, affirmou o dr. Zeferino.

— Elle porque disse besta primeiro?

— Eu nada disse. Elle queria levar meu chinella.

— Minha, emendou a mãe.

*

— Não, mamã, mano Jacob está na quintal, sobre... sobre *durig* (muro).

— Muro! emendou o mestre.

— Muro, repetiu a pequena; está matando pedras sobre gentios.

— Porque foi elle ahi?

— Eu sei?... elle sempre vae ahi... atraz de gallinha.

— Senhor mestre dá a elle sempre bem caçada, porque rasga livros e não aprende.

— Cale-se ahi! rugiu Especiosa.

— Delle livros [4] estão *na* balcão.

— No balcão, corrigiu o mestre.

— Cale-se... Já disse... Onde fallam maiores não veem crianças, advertiu a mãe.

— Eu assim mesmo vei então?... Mamã chamou por isso vei.

— Bem... bem, vá chamar ao mano Jacob, ordenou o mestre.

— Aquillo o que é bom, mamã? inqueriu a pequena ameigando a voz e olhando para o prato de pepiças [5].

— Mamã! a mim tambem dei pepiça, bom!... mamã! a mim dei *gué* [6], pepiça.

— Já dei duas, quantas quer?

— A mim?... quando?... a mano Jacob só dá... e a senhor mestre.

— Já lhe dei, insistiu a mãe falsamente.

— Mamã está *mentirando* [7].

[1] Construcção konk. *ämchyá ghardnt.*

[2] Jarro de cobre.

[3] Traduc. litt. do konk.

[4] Construc. konk. *täché livr.*

[5] Vid. *Vocab. s. v.*

[6] *Guê, agê* são part. vocativas do konk.

[7] De *mentira.* Comm. entre as creanças.

— Mentindo, burra! atalhou o mestre.

— Mentindo, burra! repetiu Florinda. Dei, hom... *aguê* dei *guê*... pepiça.

*

Ao pé de um sofá, dois pequenos insultavam-se reciprocamente, fazendo carêtas um ao outro.

— E' seu pae, dizia Jacú; seu pae é ladrão.

— E seu pae é besta, retorquia Xicú.

— Sua mãe é mil vezes ladrão, accrescentava Jacú.

— Sua mãe é mil milhão de vezes ladroa.

— Vá-simbora [1].

— Eu não é vá-simbora... você é vae-simbora... Cottó [2].

— Pongó [3].

E ambos estes garotos eram irmãos.

3) Linguagem de berço

Uma vez surpreendi-a com saias e casaco do marido, com uma criança immunda, sarnenta e semi-nua no regaço, a quem embalava e distraía:

— Babá meu! babá meu!... Bunit babá... Não chore rê [4] ham; meu bichão! meu morgado! Vem. . vem... vem: rê babá, meu curação! Que bonit babá. Veim... venha ham! Tome cocó [5].

(Excerptos de um romance de costumes).

E) Vocabulario

Achar, *s. m.*, conserva de fructos em vinagre ou em agua e sal. «E fazem delle (anacardo), quando he verde, conserva com sal pera comer (a que chamão qua *achar*)». Garcia da Orta. Commum a todos os ramos do indo-português. — Do persa por hindustani.

Adem, pato. Comm. Vid. *pato*.

Adufa, adufo, caixilho de janella, feito ordinariamente de conchas do marisco *bhing*. — Por extensão.

Aguador, jarro de agua.

Aldeano, *s.* e *adj.*, aldeão. «Com ajuntamento dos Aldeanos da Camara». «Communidades Aldeanas». *Coll. de Band.* Comm.

Anchão, compoteira, boião. Tambem no dial. de Macau. — Do chinês? Ha uma conserva da China conhecida na India por *chao-chao*, que fig. signif. *mixordia*.

[1] Tambem em konk. se diz *simbora*, com a implicação de desagrado pela presença.

[2] *Khoto?* Konk. *malvado*.

[3] Konk. *marreca*.

[4] Konk. Partic. voc. pospusit.

[5] Konk. = arroz. Loc. infant.

Anzolar *(anzolador)*, *v. tr.* e *intr.*, pescar com anzol. «Para anzolar o peixe». Comm. Cfr. *missar*, *clinicar*, *embatinar*.

Apa, bolo circular e chato de diversas especies (*bhākrí* em k.). Comm. — Dravidico (tamul, malayálam, telegu, singalês, etc.).

Arequeira, (bot.) Areca catechu (*mādi*, *phophal* em k.). — Do malayalam.

Armar, *v. intr.*, fazer bem á saude, ao estomago.

Assim mesmo, sem motivo, sem proposito. «Assim mesmo não é bom fazer mau juizo». «Mas assim mesmo porque fallar de gente?» Traduc. do k. *asench*.

Avel, avela, (*phau* em k.). «Chamam avella aos grãos de arroz nam cozidos, mas maal torrados ao fogo». Lucerna. Comm. — Do malayalam.

Azeite do reino, azeite de azeitona.

Bá-bá, voz de chamar as gallinhas. *Bil-bil*, voz de chamar os gatos. *Bis-bis*, voz de chamar os cães. *Yé-yé*, voz de chamar os porcos, etc. — Do konk.

Babá, *s. m.*, menino. Loc. honorif. e carinhosa. — Termo neo-arico, importado do k. **Babasinho**, dim. de *babá*. Us. nos dial. de Mangalor, Diu e Macau.

Babaré, *s. m.*, grito emittido batendo na bocca com a palma da mão; rebate (*bob* em k.). — Do k. *bābā ré*, voc. de *bābá*.

Bafada, *s. f.*, **bafado**, *s. m.*, abafado (por *estufado*). «Um prato de bafada». Us. no dial. de Diu. Vid. *temprada*.

Bago, gommo ou lobulo de jaca. **Bagulho**, caroço de tamarindo. **Castanha**, semente de jaca. **Caroço**, castanha de cajú. — Por antonomasia.

Baí, menina, *mademoiselle*; dona de casa. Mais us. que *babá*. Us. nos dial. de Diu e Mang. — Do konk.

Baiá, trabalhadora, jornaleira. — Do k. *báil*, mulher em geral.

Bambú (bot.), Bambusa (*mán*, *velú* em k.). Us. em maratha. — Do canari ou malaio. Vid. *Hobson — Jobson*.

Banhos salinos, banhos de mar.

Baniana, camisola de homens. Comm. Us. no dial. de Mac. e em indo-inglês. — Vem do justilho dos baneanes, uma das castas da India. Cfr. *judia*.

Barbata, palavra suja, deshonesta. — Port. arch. no sentido de bravata. Vid. *Dicc. Comtemp.* e *Elucidario* de Viterbo, *s. v.*

Basta que, oxalá, praza a Deus que. — Infl. do konk. *puró*.

Batata de Surrate, batata commum. *Batata*, simplesmente, designa a batata doce, muito commum em Gôa.

Bate, batte, *s. m.*, arroz com casca. — Do k. *bhát*.

Batuque, *s. m.*, instrumento musico (*ghumat* em k.). **Batucar**, tocar *batuque*. **Batucada**, toque de *batuque*. «Ao som do batuque, e tambores dos brincos. — Term. afric.

Bazar, *mercado*, feira. «Chama *pedra de bazar;* que quer dizer pedra da praça ou da feira». Garc. Comm. — Do pers. **Bazareiro**, o que vende no *bazar*. «Bazareiros do bazar de Sanquelim». *Coll. de Bandos.*

Begarim, trabalhador, jornaleiro. — Do hind. Perdeu a signif. especial, que foi o motivo da sua adopção, a de trabalho compulsorio com salario ou sem elle. «Prohibo aos ditos Commandantes, para que mais as (ordens) não passem, excepto o unico caso de begarins para transportes, para serviço e segurança publica». *Coll. de Band.* Vid. Shakespear, *Dict. Hind. and Engl.*

Bibica, bolo de duas especies. Us. nos dial. de Diu e Cochim. — Etym. desconh.

Bofete (por *bufete*), mesa redonda. Us. em k.

Bordoada, sova, tunda. **Bordoar**, espancar em geral. — Do *bordão*, por ext.

Borracha, elastico.

Bostear (*bosteador, bosteadeira*), embostar.

Botica, **butica**, loja de venda a retalho. «Proprietarios de lojas ou boticas». **Botiqueiro**, que vende na *botica*. Comm. — Port. arch.

Cabaia, tunica de homens. «Cabaia de damasco rico e dino». Lusid. Comm. — Do pers.

Cabello maduro, cabello branco. — Traduc. do k. *pikó*.

Cacada, gargalhada. Comm. — Do k., sansk *kakh*, *v.*

Caçada (dar, levar —), pancada, sova. Tambem em Macau.

Caçar, matar (gallinha, vacca, etc.). Ambos os verbos correspondem em k. a *mārunk*.

Cadeira a Voltaire, cadeira Voltaire (ás vezes só *Voltaire*, fem.), cadeira de descanço.

Caflar (*caflador, cafladura*), acafelar. Comm. Us. em k.

Cairo, filamentos de côco (*kāblo* em k., *coir* em ingl.). «A primeira das cascas he muito lanuginosa e desta se faz cairo, que assi he chamado dos Malabares e de nós». Garcia. — Dravid. (malayal., tam.). Us. em arabe. *Dicc. Contemp.* diz que vem do «Cairo, no Egypto».

Calaim, *s. m.*, estanho. «Tambem é moeda corrente estanho, a que chamam calaim». *Ethiopia Oriental.* — Do arab.

Calão, bilha de agua (de cobre ou barro). «Quebra o calaão, que he hũa panella». *Chronica dos reis de Bisnaga.* «Venderem o vinho a calões». *Coll. de Band.* — Do k. *kalsó*, sansk. *kalaxa*.

Calda, caldo de arroz.

Caldeirinha, chaleira.

Cambar, *Cambiar*. — Port. ant.

Canja, arroz cozido em agua e sal até fazer caldo grosso (*péz* em k.). Em sansk. e nos prákritos signif. arroz muito diluido e azedado, como é usado pelos lavadeiros. «This word (*kānjī*) is improperly used by Ladies and Ayas for gruel». Candy, *Dict. Engl. and Maráth.*

Canudo, cigarro do feitio de canudo, commummente usado. — Por analogia.

Carepo, concha do marisco *bhing* (*bhingālí* em k.). — Do k. *karap*, concha, esp. de ostra. Vid. *adufa*.

Cariá, *s. m.*, formiga branca. Comm. — De *carie?*

Caril, molho para arroz. «Fazem comeres das aves e carnes (a que chamam caril)». Garc. — Do indig. *kadhí* (k., mar.) ou *kari* (tam. malayal). *Curry* em ingl.

Carregado, forte: chá, café carregado.

Carregar, encher: carregar copos, garrafas.

Carreta, carruagem, trem. **Carreteiro**, cocheiro.

Carruagem, liteira, «machila».

Casaveca, casebeque.

Casavel, casadoiro. «Quaes eram os rapazes *casaveis*».

Caseiro (*caseira*), dono de casa. — Por analog. com o k. *gharkár*.

Castismo, systema de castas indianas; apêgo á casta. **Castista**, amigo, defensor da casta propria.

Chareta, chireta (mais us.), involucro do miolo de côco (*kartí* em k.). — Etym. desc.

Chela, regatas. — Do sansk.

Chiado, astuto, ladino. «Não é porque eu seja mais *chiado*, mais astuto do que os outros». Do k, sansk. *chhadmin*.

Chingado (*estar* —), embriagado, bebado. — Do k. *chend?*

Chumaço, travesseiro. «Como a inclinação do chumaço á fronha». Comm. — Port. arch.

Chuname, *s. m.*, cal. «*Chuna*, que he cal». Garc. Comm. Us. em indo-ingl. — Do prak., sansk. *chúrna*. *Tirar chuname*, caiar, estucar.

Chusma, estribilho cantado por muitos. «O canto sumiu-se por falta de incentivo e de chusma».

Cincada, cinca; ausencia, falta.

Clinicar, exercer clinica. «Para poder clinicar em Goa».

Cóche, liteira, palanquim.

Colherão, concha de sopa. **Colherinha**, colhér de chá.

Comer paga, receber ordenado grosso. Tambem em Macau. — Do konk.

Copra (*khobrem* em k.). «Desque elles (*coquos* = côcos) despedem a casca, ficam secos em pedaços, e chamãolhes *copra*». Garc. Comm. — Indig. (neo-aric. e dravid.), talvez do sansk. *kharpara*.

Corado, de côr: lenço, panno *corado*.

Corja, vintena. — Do konk. e mar. *kod*. Vid. Dicc. Moraes.

Costurar, coser. — De *costura*. Para se evitar a confusão com *cozer*.

Cotão, tunica; casaco de mulheres. — Aug. de *cota*. Vid. Moraes.

Criolo (*criola*), adoptivo. «Quaes são as obrigações dos paes adoptivos, e dos seus criolos». *Coll. de Band.* Ao presente signif. famulo creado em casa desde a infancia. — De *criar*.

Curioso, (tambem) habil, experto.

Cuspidor, cuspideira, escarrador. Comm. Us. em k. — Port. ant.
Daia, parteira (*raijin* em k.). — Do pers.
Datas, *s. f. pl.*, paraphernaes (*denem* em k.), «As datas creio que foram, na sua origem, as offertas que os paes da noiva faziam-lhe, quando ia á casa do marido».
Deixar o pé, pôr o pé. — Infl. do k. *davrunk*.
Elephante, panno branco em algodão. «Uma peça de elephante». Us. em k. — Etym. desc.
Embatinar, vestir de batina. «Descobriu no sobrinho vocação para a vida clerical e embatinou-o sem protesto do rapaz».
Espelho, vidro (esp. de janellas). Em k. uma e outra coisa se designa por *ârsó*.
Espinho, (tambem) espinha de peixe. — Infl. do k. *kãntó*.
Exploração (subentendido: da vontade dos contrahentes), esponsaes contrahidos perante o parocho.
Fallar mal, dizer mal. «Fallar mal de gente é peccado». Tambem em Macau.
Fama, dia precedente ao primeiro da novena do orago, no qual se arvora no adro da egreja uma arequeira encimada da effigie do santo.
Faqueiro, trinchador. — Aug. de *faca*.
Faraz (*farazôa*, fem.), nome da infima casta de Gôa (*mahár* em k). «Farazes que curão os cavallos». *Chron. de Bisn.* «A palavra *faraz* parece ser de origem arabe, e applicava-se aos creados inferiores; muitas vezes, entre os nossos portuguezes, aos creados de cavallariça». Conde de Ficalho.
Fazer chave, fechar á chave. — Infl. do k.
Fenasco, araca, uraca. — Depreciat. do k. *pheni*, aguardente.
Ficar na ufa, ficar logrado, desapontado. «O Ramiro ficou na *ufa*». Moraes: «*A' ufa (loc. adv.* fam.) á farta e talvez á custa alheia».
Figo, banana. «Tambem ha estes figos em Guiné, chamam-lhe *bananas*». Garc. *Ramo de figos*, cacho de bananas. *Penca de figos*, esgalho ou escadea de bananas. **Figueira**, bananeira; folha de bananeira. **Figada**, dôce de bananas. Comm.— Por analog. Cfr. *pera, rosa*. Vid. *côco* em Moraes. Cfr. *Paradiesfeige*, figo do paraiso, em allemão.
Fogão (tambem) fogagem. Us. em k.
Fogo (tambem) lume. «Fez-se fogo ferindo o fosforo». «Por fazerem fogno pera fazerem de comer». *Chron. de Bisn.* Cf. *Dial. algarv.* III-E.
Fogueiro, o que faz fogo de artificio. Us. em k.
Folhinha, caixa de folha, lata. Us. em k.
Folha (tambem) papel: vender folhas. «Com folhas selladas na mão». Us. em k.
Fôra fóra, por fóra, sem entrar. — Infl. do k. *bhãylyá bháyr*.
Fugueo, uma especie de bolo frito (*vodó* em k.) — Etym. inc., talvez do k. *phugó*, fórma abolada, convexa.
Fula, flor. «Agua de *fules*, chamada *mogory*». Garc. «Orta parece empregar a palavra *fula* ou *fule* no sentido geral de flor». Conde de Ficalho — Do prak., sansk. *phull*, *v*.

Funconias (*fazer* —), annos. — Do k. *phuganuyô*.
Garopeiro, pelotiqueiro, encantador de cobras. — Do k. *gārodi*.
Gola (tambem) cabeção.
Granada, bomba, estalo. «Foi saudado com tiros de granadas». Us. em k., mar., hind. Cfr. munição.
Gudão, armazem, adega. «Será recolhido nos Gudões da Alfandega». *Coll. de Band.* Comm. Tambem em indo-ingl. (*godown*, d'onde *Dicc. Contemp.* tira a origem; vid. Webster, *s. v.*, e Ch. Brown, *Dict. of mixed Telegu, s. v. giddingi*). — Do malaio *gadong*. Us. na fórma aportuguesada em k., mar., hind., singalês.
Guinde, *s. m.* bacia de levar a cara. — Indig.: k. (p. us.), mar., canari, tulu.
Icle, *s. m.* talo de foliolo de coqueiro (*hir* ou *vhir* em k.) — Do malayal.
Imprestavel, não prestavel. «As duas bombas do estado, já completamente imprestaveis».
Ir trazer, ir buscar. — Infl. do k.
Izarra, ceroilas. — Do pers. por k.
Jagra (*god.* em k.): «E a este (assucar de palmeira) se chama na India iagra». *Ethiop. Orient.* Comm. Us. em indo-ingl. — Do konk. *sākar*, sansk. *xarkarā*. **Jagrada**, dôce preparado com *jagra*. **Jagreiro**, o que faz ou vende *jagra*.
Jarda, vara (medida). — Do ingl. *yard*.
Judia, casaco curto de homens. Us. em k. — Provavelmente do traje da mulher judia.
Lamina, quadro emmoldurado em geral.
Langota, *langotim*, lenço que se traz preso ao cinto (*urmál* ou *rumál* em k). — Do pers.
Lanha, côco tenro. «Este coquo quando he verde, chamão os Malabares *elevi*, e aqui em Gôa *lanha*». Garc. — Etym. desc.
Laque, *s. m.* cem mil. «Cada leque tem cem mil». *Chron. de Bisn.* Us. em indo-ingl. — Prak., sansk. *laksha*.
Liga (tambem) presilha de calças.
Lingua, linguado (peixe).
Linha, de —, de algodão. «Pano vermelho de linha».
Luzeiro, candieiro de loiça ou de vidro. «Os melhores luzeiros de aluguel».
Maçã jujuba. **Maceira**, jujubeira. Cfr. *figo, pera, rosa*.
Mãe-tia, irmã da mãe, tia materna.
Maior, mais velho. **Menor**, mais novo. «Elle é seu irmão maior». — Port. ant.
Mamã-grande, avó. «Dulce é o nome de mamã-grande». Loc. infantil.
Mangueira (bot.), Mangifera Indica (*āmbó* em *k.*) — Do malayal.
Massàca, gemmada. Us. em k.

Mate, *s. m.* terra, barro. Comm. Us. no dial. de Mac. — Prak. *mātí*, sansk. *mrittiká.*

Maynato (*maynata*, fem.): «*Maynato*, que he lavador de roupa». Garc. «E maynatos que são homẽes que lavão roupa». *Chron. de Bisn* — Do tamul.

Meias (tambem) piugas (desus.).

Mesma coisa, é o mesmo. Tambem em Macau.

Missar, dizer missa.

Mocadão, arrais (menos us. nesta accep.); mordomo; feitor. «Ao piloto d'estas embarcações chamam Molemo, e ao mestre Mocadão». Ethiop. *Orient.* «Por intermedio do velho mocadão da casa». Us. em k. (*mukdam*). — Do arab.

Morcuto, mosquito.

Mordigação, dôr de barriga. — Infl. do k. *chābunk*, morder.

Mordexim, cholerina; volvolo. Comm. Us. no dial. de Mac. — Do k. *modxí.*

Muda, andaina de fato.

Munição, chumbo miudo. Us. em k. (masc.) e sing.

Não tem nada, não faz mal. Tambem em Macau.

Norteiro, christão do norte (isto é, Bombaim, Chaul, Baçaim, etc.), que falla portuguès. Em k. tambem se diz *sul-kár*, habitante do sul de Gôa.

Ola, ramo de palmeira. «Dos ramos (a que chamamos *olla* em Malabar)» Garc. — Do dravid. Moraes tira «do Hebr. *hholeh*, folha».

Pae-tio, irmão do pae, tio paterno.

Palmadas, dar —, dar, bater palmas.

Palmeira, coqueiro (p. us.).

Panno-bajú, especie de traje de mulheres. «E trazem ás vezes bajuris do mesmo theor, que são como camisas e a fralda». *Chron. de Bisn.* — Do arab.

Panno-paló, outra especie de traje, considerada inferior á precedente. «Estes nuncios de *páno-paló* regressaram com grão na aza, como é de lei». *Paló* é corrup. do k. *pālanv.*

Papá-grande, avô. Loc. infant.

Par, (tambem) casal: *par* de perús.

Parentesco, proposta de casamento. «Já são com este doze parentescos que vieram a Jacob». — Infl. do k. *soyrík.*

Pateca, melancia (desus.). «Melam da India, a que chamamos pateca». Garc. *Melões da India* ou *patecas*, os quaes devem ser o que hoje chamâmos melancias». Conde de Ficalho. Comm. — Do arab., *pastèque* em franc. *Patecal*, melancial. Vid. Scheler, *Dict. d'étym. française.*

Pato, ganço.

Pauta, (tambem) regua.

Pavio, (tambem) torcida (desus.).

Péncaro, talo da folha de tabaco. — De *penca?*

Pepiça, bolo semicircular, cozido a vapor.

Pera, goiaba. *Pereira*, goiabeira. Comm. Us. em muitas ling. indig. — Por analog.

Persulana, tigela de loiça (*phuslán* em k.). «Por cada persulana». *Coll. de Band.* — Do *porcellana*, por restric. «Porçalanas, toda a tijela». Bluteau, *apud Dial. interamnenses*, VIII.

Piladeira, mulher que pila arroz.

Pimenta longa, malagueta, pimento. **Pimenta redonda,** pimenta.

Pôr perguntas, fazer, dirigir perguntas. — Infl. do k.

Presidente, mordomo de festa da freguezia. Us. em alguns outros dial.

Presunto, fiambre.

Queixo, dente queixal.

Quisilha, quisilia; remoque; mexerico. **Quisilheiro,** quisilento, mexeriqueiro.

Rabana, especie de atabales. **Rabanada,** toque de *rabanas.* «Serão obstados toques estrondosos, taes como rabanadas». — Do malaio.

Ramada (ás vezes *remada*), barraca temporaria, coberta ordinariamente de folhas de coqueiro.

Rebôlo, (*rebôlos*, pl.), calhau. Us. no dial. trasmont. (Vid. *Rev. Lus.*, vol. I, p. 216).

Recamara, morteiro, obuz.

Recente, fresco. «Este peixe não é recente». Estes ovos não são recentes».

Recolhimento, retiro espiritual.

Refega, aguaceiro.

Refeitorio, casa de jantar em geral.

Rosa (*roseira*), cravo de defunctos ou de Tunis. Us. em k.

Rota, rotim (Calamus rotang); bengala em geral. «Cordas grossas de *rotas* (que são feitas de humas varas que se muyto brandam»). Garc. Comm. Us. no dial. de Mac. e em k. (*rattan* em ingl.). **Rotear,** cobrir de rotim; espancar com *rota.* **Roteiro,** o que trabalha em rotim. — Do malaio.

Roupeiro, fanqueiro. «O roupeiro rompeu o panno».

Saguate, *s. m.* presente (esp. o que se dá por occasiões festivas). «Elle conferiu as verbas dos saguates mandados, com os recebidos». — Do k., sansk. *svāgata.* **Saguatear,** presentear.

Saleiro, salineiro.

Samatra, borrasca, procella. De *Sumatra.* Vid. *Hob-Job.*

Sapatos, calçado em geral. «Paulo pondo esporas a sapatos montou a cavallo».

Semaneiro, sineiro que serve por semanas (*sumān kár* em k.).

Sobregola, (tambem) romeira.

Sombreiro, guarda-sol, guarda-chuva. «Digo que *cetri* quer dizer sombreiro». Garc. Comm. — Port. arch., ainda hoje us. em hesp.

Sopeira, prato de sopa.

Sorte, bilhete de loteria, de rifa. Comm. Us. nas ling. indig.
Subscripção, assignatura. **Subscriptor**, assignante.
Tabaqueiro, vendedor de tabaco (*pān-kár* em k.).
Tape, tapes, *s. m.* barrete (excepto o ecclesiastico, que conserva o proprio nome). — Do k.
Teca (bot.), Tectonia grandis (*sāyló* em k.). — Do malayal.
Temprada, guisado de hortaliça com muitos temperos. Dial. de Cochim *temprado*. Us. em k.
Tigela, tacho grande de barro. Us. em k.
Tifin, *s. m. lunch.* Comm. Us. no dial. de Mac. — Do indo-inglês.
Tique, picante, acre. Do k., sansk. *tikshna*.
Tirar defeitos, notar, pôr defeitos. **Tirar faltas**, marcar faltas. **Tirar os dias**, passar os dias, arrastar a vida. — Infl. do k. *kādhunk*.
Ti-ti (*masc.*), tio mais novo que o pae. **Ti-tia** (*fem.*), tia mais nova que a mãe. Tratamento familiar. *Titia* = tia, no dial. de Cabo Verde.
Toca-bocca, toca-boc, *s. m.* acepipe que se come com o arroz para despertar o appetite. Comm. — Taduc. do k. *tondák lāvunchem*.
Um pouco, faça favor: oiça *um pouco* (= faça favor de ouvir); diga *um pouco*, venha cá *um pouco*. — Infl. do k. *mātsó*.
Vargeiro, dono ou cultivador de vargea ou varzea. Comm.
Varzio, caminho na varzea.
Verdura, hortaliça (desus.). Comm.
Vigario, parocho.
Vidrinho, frasquinho.
Vidro, copo de agua. Comm. Us. em k.

Omitto muitos vocabulos konkanis, empregados com a consciencia de o serem, e alguns outros de somenos importancia, bem assim os nomes de moedas, pesos e medidas, e a terminologia das communidades agricolas, como: *batcará, manducar, boiá, machila, cato, cudolim, gone, ramponi; rupia, tanga, pardao; candil, medida, mão; gancaria, jonoeiro.*

Lisboa, 9 de junho de 1900.

Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado.